

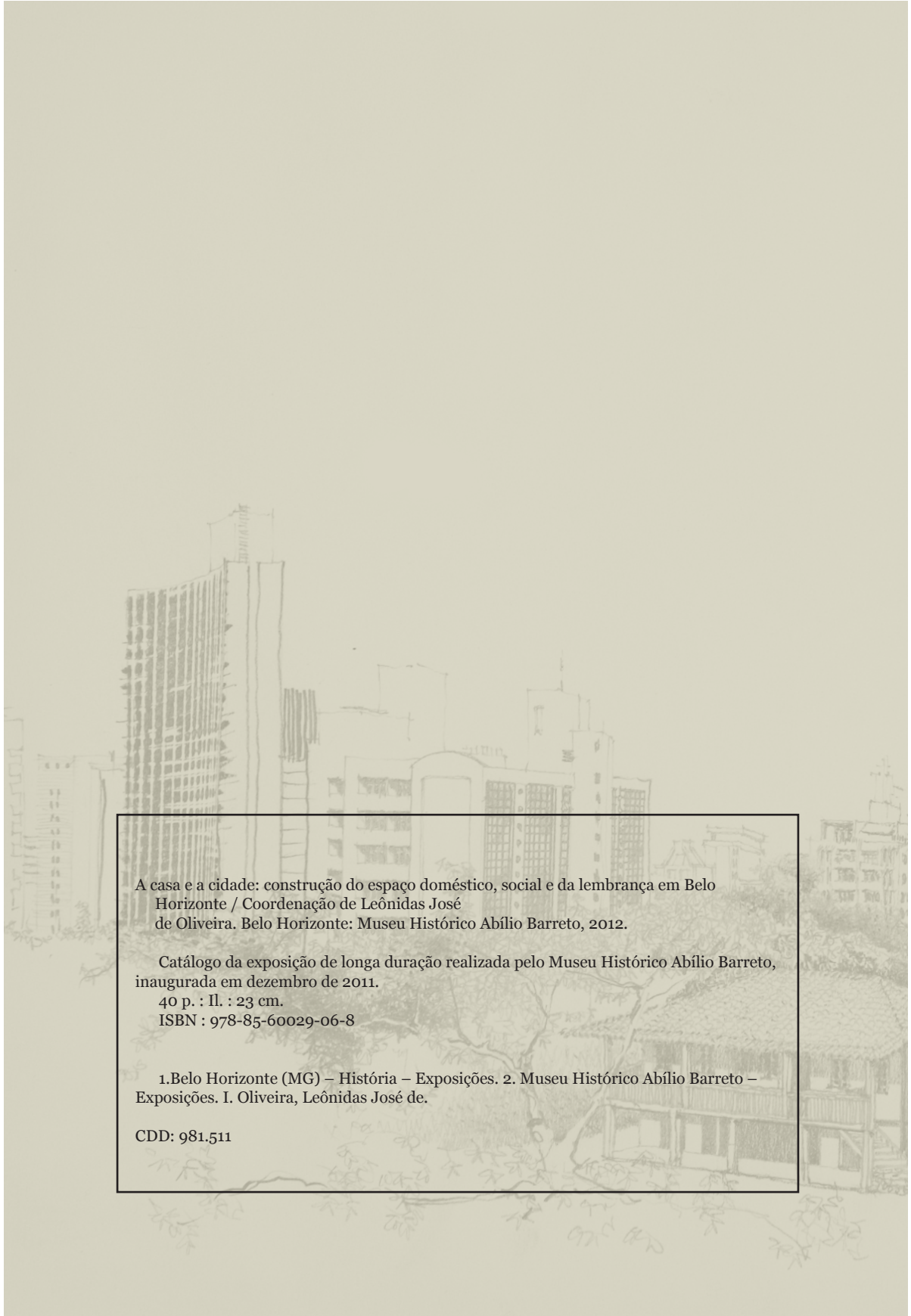


Belo Horizonte

Museu Histórico Abílio Barreto

2012

**a casa e a cidade: construção do espaço doméstico,
social e da lembrança em Belo Horizonte**



A casa e a cidade: construção do espaço doméstico, social e da lembrança em Belo Horizonte / Coordenação de Leônidas José de Oliveira. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2012.

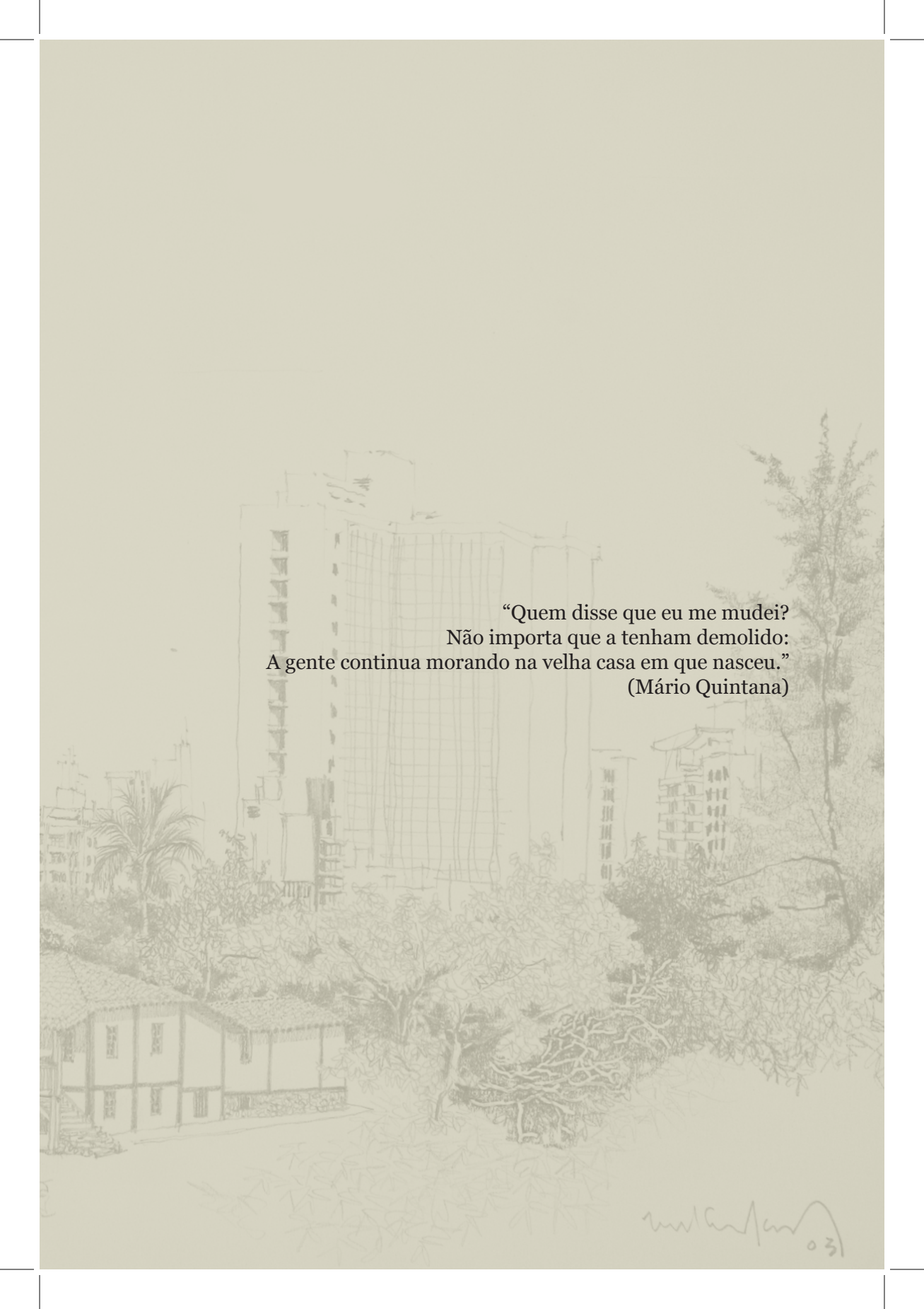
Catálogo da exposição de longa duração realizada pelo Museu Histórico Abílio Barreto, inaugurada em dezembro de 2011.

40 p. : Il. : 23 cm.

ISBN : 978-85-60029-06-8

1. Belo Horizonte (MG) – História – Exposições. 2. Museu Histórico Abílio Barreto – Exposições. I. Oliveira, Leônidas José de.

CDD: 981.511



“Quem disse que eu me mudei?
Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa em que nasceu.”
(Mário Quintana)

Mário Quintana 03

“A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato da memória, a saber, a luta contra o esquecimento.”

Paul Ricoeur

Casa, cidade e habitante: eis os elementos da trama que esta exposição busca representar por meio dos fragmentos de lembranças que formam a memória. Uma história que começa nas ruas e casas do antigo Arraial do Curral del Rei e termina no aglomerado justaposto da metrópole contemporânea. Uma narrativa que se revela pelo fragmento, ponto a ponto, em pequenos indícios urdidos por artesãos das temporalidades.

Aqui a morada transfigura o dialogismo público/privado. É o estar na diversidade do espaço público e da vida que o circunda e ter, ali mesmo, seu refúgio. A casa é o lugar do íntimo. Do sonho, do devaneio e da memória. A residência é feita lar, mas também espaço político, lócus de práticas, hábitos e valores. E habitar a casa é vivenciar experiências mutantes, diversas e complexas.

O habitante, no centro do devir histórico, faz a mediação entre cidade e casa por meio de relações sociais que criam e recriam uma e outra. Assim, da casa para a cidade e desta para a casa, foram sendo formados os caracteres que nos permitem compreender o modo de ser e de viver dentro das casas e na originalmente Cidade de Minas, Belo Horizonte.

Os labirintos do rememorar – que conjugam, igualmente, memória e esquecimento – nos colocam na trilha da questão formulada por André de Richaud: “onde foi que vos perdi, minhas imagens pisoteadas?”. As lembranças pisoteadas pelo tempo implacável, que a tudo devora, são evidentes na opacidade do percurso que precisa ser enfrentado para entender as pontes que ligam casa, cidade, habitante, lacunas evidenciadas nas lembranças de Rainer Maria Rilke, em “A poética do espaço”:

“Não tornei mais a ver essa estranha morada. Tal como a encontro em minha lembrança de visão infantil, ela não é uma construção; está fundida e repartida em mim: aqui um cômodo, ali outro cômodo e acolá um fundo de corredor que já não liga esses dois cômodos, mas conservou-se em mim como um fragmento. É assim que tudo se difundiu em mim, os quartos, as escadas que desciam com lentidão tão cerimoniosa, outras escadas, vãos estreitos subindo em espiral, em cuja obscuridade caminhávamos como sangue nas veias.”

Os elementos fragmentários desse relato mostram uma memória que

tanto revela como esconde. Os indícios agrupados nesta exposição estão sintonizados com essa operação complexa, em que edificações são tanto reais como imaginadas: nas suas formas, nos usos, nos símbolos, nos modos de vida integrados. Esta casa-museu testemunha essas questões e nos empresta seus cômodos para abrigar mais uma investigação dessa memória. Ao mesmo tempo, por rastros que se estendem de 1890 – época em que o lugar era um canteiro de obras decorrente da construção da nova capital e ainda mantinha, em seus arredores, antigas casas de fazenda nas regiões em torno da denominada zona urbana – aos dias atuais, permite problematizar e recriar o ofício de viver na cidade.

O Museu Histórico Abílio Barreto permanece em sua missão de entender como é viver nela, por meio da reflexão contínua e da preservação e reconstrução das lembranças, usando sempre a História como instrumento e orientado pelo princípio de que “é sempre bom termos no sentimento o saber de que, se não soubermos aonde vamos, já não saberemos onde estamos!”.

Leônidas Oliveira
Diretor do Museu Histórico Abílio Barreto



Impressão em voal
Sergio Vaz
Novembro / 2011

“É velho vezo meu amar sensualmente
as linhas das casas, agradar-me de umas;
antipatizar-me com outras, namorar
algumas, desejar duas ou três
como se fossem vivíssimas personagens.”

Mário de Andrade

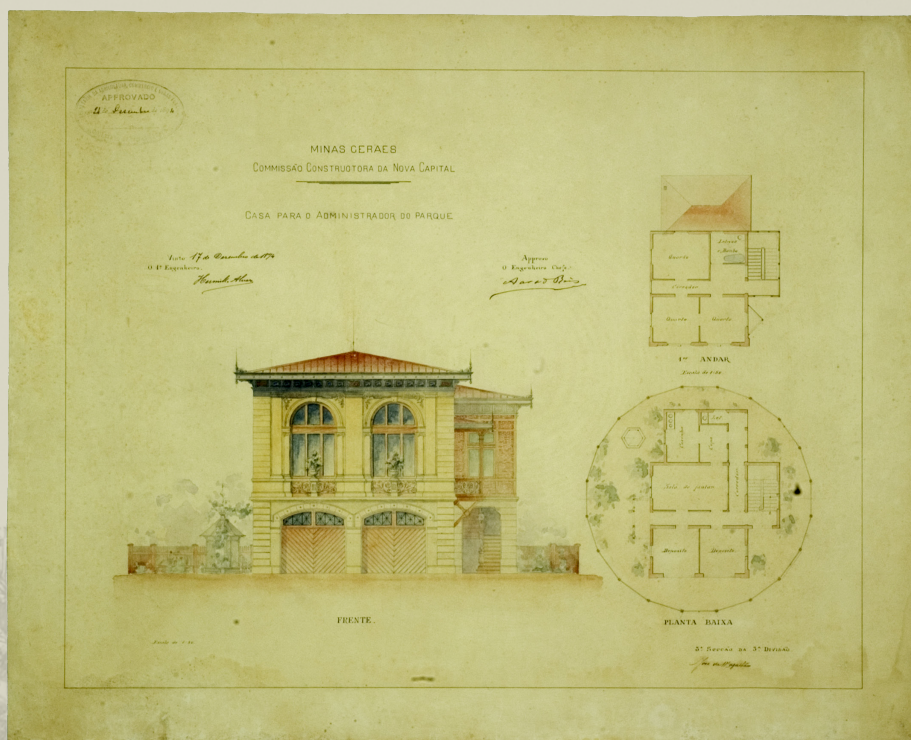
Casa e cidade: espaços plurais cujos aspectos relevantes escapam até mesmo ao olhar mais atento. Defini-las, portanto, não é tarefa fácil. Diversas formulações, critérios e conceitos foram forjados, na tentativa de explicar esses ambientes. Lazer, trabalho, conflitos, desejos, concretudes e possibilidades permeiam a elaboração de um saber que não se revela de maneira simples. Em que medida a cidade “explica” uma casa? E a casa pode ser significativa para “explicar” a cidade? Como as relações que se estabelecem entre esses dois lugares – que são distintos e partes integrantes de uma totalidade – podem indicar questões importantes para o sensível, o morar e o agir dos sujeitos históricos?

Ao percorrer essas questões, ficamos quase sempre na convergência entre os significados e o contexto histórico – ambos em constante transformação. Desse modo, falamos de cidade barroca, cidade moderna e até mesmo pós-moderna; de casa colonial, casa modernista, vernácula. Especificar formas concretas de cidade e de casas, descrevendo tipos que se fazem hegemônicos em determinados contextos e situações, adjetivando-as por elementos de sua própria temporalidade, lança luz no modo como viveram homens e mulheres, tanto na vida pública como na doméstica.

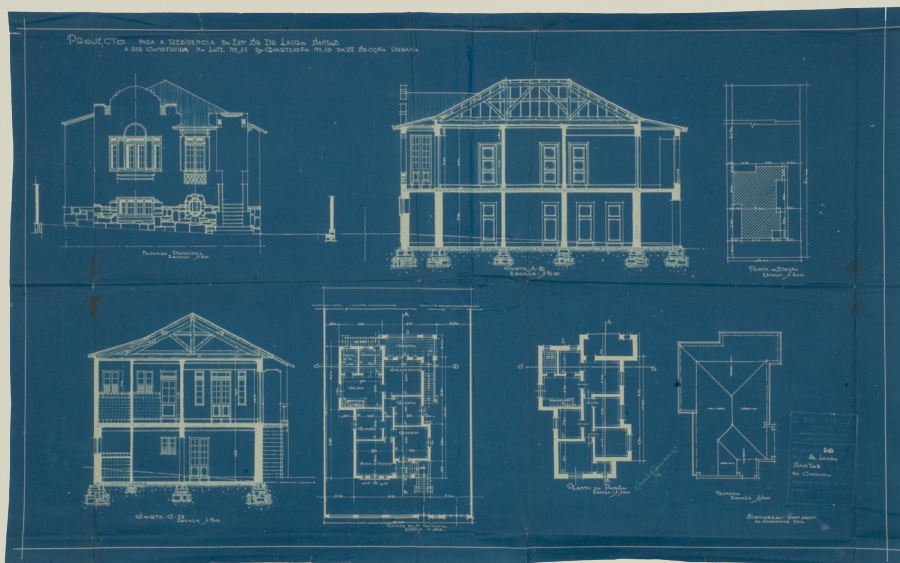
Além do contexto original do Casarão, nesta mostra, dois tempos emergem em destaque: a década de 1950 e os anos 1990. O primeiro momento é emblemático no que concerne a novos conceitos de expansão urbana e a formas de concepção e uso do espaço residencial. A verticalização tornou-se realidade e a propagação de edifícios de apartamentos alterou significativamente a paisagem. A casa viu entrar por suas portas inúmeros eletrodomésticos, considerados elementos indispensáveis à nova maneira de morar – que ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 se tornou dominante e foi ressignificada pelo crescimento populacional, pelo inchaço urbano e pela proliferação de favelas.

Nos anos 1990, surgem e ressurgem paradigmas que intensificam os

processos de transformação da cidade e do ambiente doméstico: hiperinflação, desemprego, crise econômica e rebaixamento econômico dos setores médios dividem espaço com a crescente tendência ao acúmulo de bens materiais, o sonho de aquisição da casa própria e o desenvolvimento industrial, com ênfase na importação de novas tecnologias.

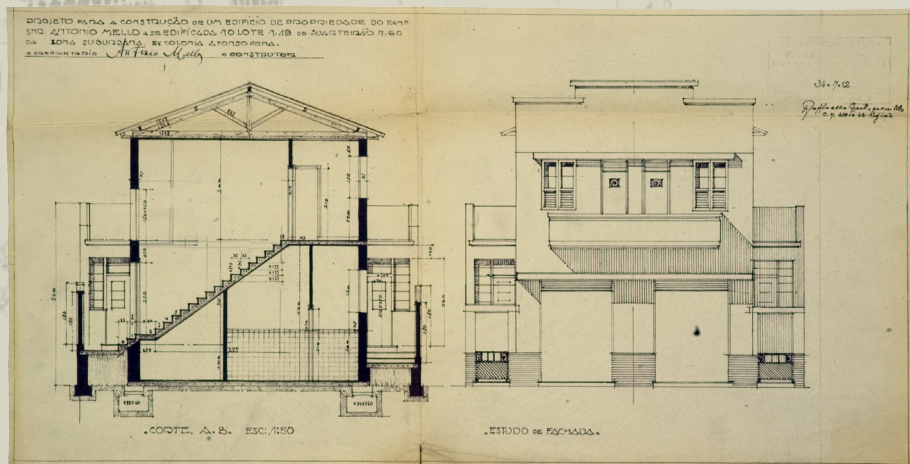


Projeto arquitetônico
Casa para o administrador do parque
Autor José de Magalhães
17/12/1894
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB

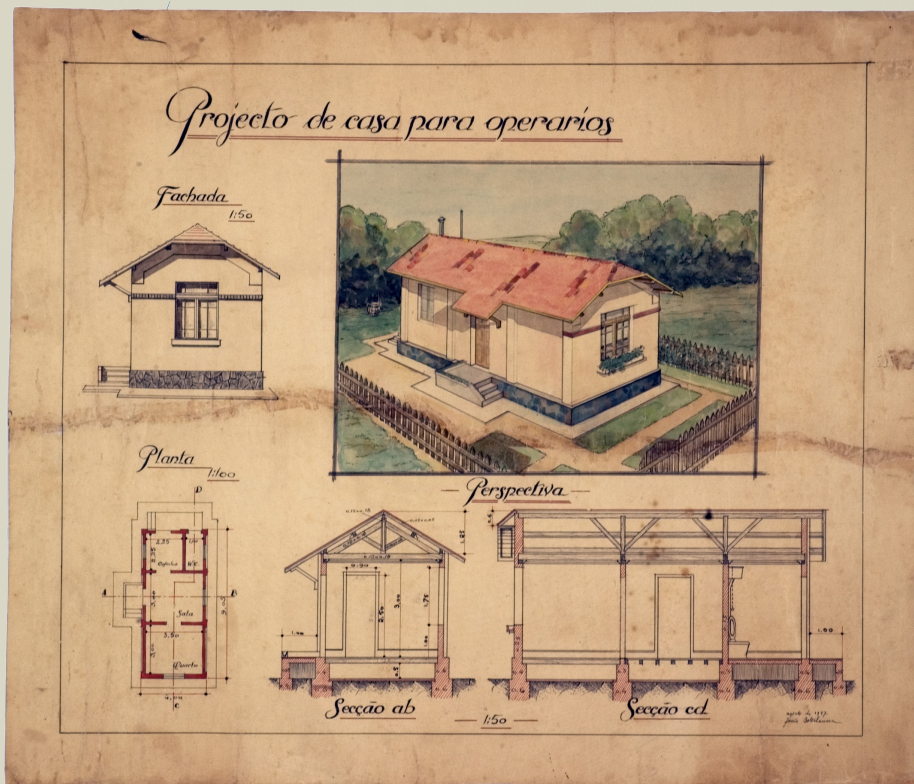


Projeto arquitetônico
Projecto para a residência do Exmo. Sr. Dr. Lauro Santos
Autor Luiz Signorelli
S/d
Coleção Raffaello Berti / Acervo MHAB

A residência do Sr. Lauro Gomes, embora de autoria de Raffaello Berti, foi assinada por seu sócio, Luiz Signorelli. Raffaello Berti, arquiteto italiano, aportou em 1922 no Rio de Janeiro e se fixou em Belo Horizonte em 1929. Berti ficou conhecido por seus projetos de contornos de formas puras e geometrizadas, relevantes representantes da *Arte Deco* e introdutores do estilo modernista no Brasil.



Projeto arquitetônico
Projecto para a residência do Exmo. Sr. Antonio Mello
Autor Raffaello Berti
12/07/1934
Coleção Raffaello Berti / Acervo MHAB



Projeto arquitetônico
 Projecto de casa para operários
 Autor João Boltshauser
 agosto /1927
 Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

Na página anterior:

Projeto arquitetônico
 Projeto de casa e negócio para o Sr. Francisco do Carmo Lopes
 Autor não identificado
 12/06/1898
 Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

Projeto arquitetônico
 Projeto a edificar-se no Lote 6 do Quarteirão 16 Seção 3ª Urbana de
 propriedade do Sr. Avelino Fernandes
 Autor: Luiz Olivieri
 30/10/1911
 Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB



Obras de canalização de esgoto
 Autor não identificado
 1922 - 1926
 Coleção Belo Horizonte /
 Acervo MHAB



Obras de canalização de esgoto -
 Rua Mato Grosso
 Autor não identificado
 1922 - 1927
 Coleção Belo Horizonte /
 Acervo MHAB



Aspectos da Rua do Bonfim
 Autor não identificado
 1922 - 1927
 Coleção Belo Horizonte /
 Acervo MHAB

Aspectos da Rua Gonçalves Dias com
São Paulo
Autor não identificado
1922 - 1926
Coleção Belo Horizonte /
Acervo MHAB



Aspectos da Rua Gonçalves Dias com
São Paulo
Autor não identificado
1922 - 1926
Coleção Belo Horizonte /
Acervo MHAB



Aspectos da Rua Gonçalves Dias com
São Paulo
Autor não identificado
1922 - 1926
Coleção Belo Horizonte /
Acervo MHAB



“Eu semeio vento na minha cidade,
vou pra rua e bebo a tempestade.”

Chico Buarque

Alterações nos arranjos familiares são constantes no transcorrer dos anos – sobretudo se pensadas em espaços de longa duração. Algumas se fizeram sentir com sutileza, outras com mais intensidade, como as que tomaram forma a partir de fins do século XX. Estão ligadas às mudanças de hábitos, às relações sociais e de trabalho e à assimilação de tecnologias que delinearam novos usos e vivências nos ambientes domésticos e na cidade. A informatização reelaborou práticas e atividades sociais. Do trabalho ao lazer, nada passou incólume às mudanças tecnológicas e uma nova sensibilidade foi, progressivamente, se formando, reverberando no fazer-se da cidade e da casa.

Espaço e tempo, que sempre foram categorias fundamentais da sensibilidade, dos afetos, das lembranças cambiantes entre o onírico e o concreto, sofreram mutações. Pelos fios que compõem a trama das memórias do trabalhar, estudar, pesquisar, dedicar-se ao lazer e comunicar-se com outras pessoas, novas experiências reconfiguraram, entre outras coisas, a percepção do tempo: os territórios da cidade e da casa passaram a co-existir em uma temporalidade descontínua e rarefeita, na qual, em meio a múltiplas atividades, a sensação de tempo não parece ser mais a vivida nesta casa, quando compunha a paisagem do antigo arraial.

sala de estar / jantar

A sala de estar constituía espaço vital nas moradas. Ali ganhava vida boa parte das atividades de lazer das famílias. Era o lugar onde os laços se estreitavam e no qual o diálogo da vida privada com a vida pública se fazia presente de modo mais claro. Saraus, conversas descompromissadas, encontros para discutir política ou negócios, encontros religiosos: tudo passava por esse espaço, que era voltado para as interações sociais. A sala de estar representava, ainda, o lugar em que as mulheres deveriam demonstrar seus talentos no bem receber – ação esta que, passada de mãe para filha, era primordial socialmente e tinha reflexos políticos e econômicos na estrutura familiar.

A partir da década de 1980, a sala passou por mudanças de forma, distribuição de espaço e uso. Incorporou, primeiramente, o mobiliário de jantar, pois, nos apartamentos que estavam sendo construídos, os espaços eram cada vez mais reduzidos. Cedeu lugar, ainda, a relações mediadas pela televisão e pelo computador, mesmo que não tenha perdido completamente seu caráter socializador, proporcionado por reuniões e conversas. Essa alternância de usos decorre de condições socioeconômicas e culturais diversas, que adequaram o espaço para novos arranjos familiares, cada vez mais privados e segmentados.



Sala de jantar
Autor não identificado
1940-1950

Coleção Barão de Tiesenhausen / Acervo MHAB



Televisão
Década de 1960
Madeira, metal, vidro, papel /
Montagem industrial
Coleção Comunicação /
Acervo MHAB



Mesa console
Século XIX
Madeira e mármore / Torneamento
Coleção Mobiliário / Acervo MHAB



Celular
Década de 1990
Metal, plástico /
Montagem industrial
Acervo MHAB



Relógio de parede de pêndulo com folhas
Primeira metade do século XIX
Madeira, vidro, metal, papel /
Recorte, entalhe, fundição, gravação
Coleção Medição e Registro / Acervo MHAB



Piano
Primeira metade do século XX
Recorte, forração / Montagem industrial
Coleção Trabalho/ Acervo MHAB



Licoreira
Primeira metade do século XX
Vidro, metal / Fundição, gravação,
recorte, solda
Coleção Equipamentos Domésticos /
Acervo MHAB



Sofá
Primeira metade do século XIX
Madeira / Palha, recorte, torneado, entalhe, trançado
Coleção Mobiliário / Acervo MHAB



Rádio
Década de 1960
Acervo Mazzili



Rádio
Década de 1940
Madeira, metal / Montagem industrial
Coleção Comunicação / Acervo MHAB



Aparelho de chá e jantar
Década de 1950
Acervo Mazzili



Sala de jantar
 Autor não identificado
 1940 - 1950
 Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB



Vista parcial do centro da cidade de Belo Horizonte
 Autor não identificado - Casa da Lente
 1946
 Coleção Barão de Tiesenhausen / Acervo MHAB

iluminação

No início do século XX, o sistema de iluminação pública, que já havia sido substituído pelas lâmpadas a gás, cedeu lugar às lâmpadas elétricas. Durante a construção de Belo Horizonte, a preocupação com a oferta de energia se fez presente e, a partir de uma queda de água no Ribeirão Arudas, foi construído o primeiro sistema de geração de energia na cidade.

O objetivo não era somente propiciar o acesso à iluminação residencial e pública, mas também utilizar a energia para o funcionamento do maquinário das indústrias e dos empreendimentos de engenharia civil. Nas residências, vários objetos foram (e ainda são) utilizados para emitir luz artificialmente. Alguns são próprios para ser transportados; outros são fixos ou permanecem em suportes. Variam em tamanho, material e composição.



Castiçal
Primeira metade do século XX
Metal, madeira / Fundição, recorte
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Lâmpião belga
Fins do século XIX
Vidro, latão, ferro/ Fundição, recorte
Coleção Equipamentos
Domésticos/ Acervo MHAB



Lâmpião
Fins do séc XIX
Metal / Fundição
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Palmatória
Primeira metade do século XX
Metal / Fundição, sambladura, recorte
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Lanterna
Fins do século XIX
Metal, vidro / Soldagem, martelagem
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Candeia de ferro
Transição século XIX/XX
Ferro / fundição
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB

“Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!
[...]

Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta —
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza [...]

Que grande felicidade não ser eu!

Mas os outros não sentirão assim também?
Quais outros? Não há outros.
O que os outros sentem é uma casa com a janela fechada,
Ou, quando se abre,
É para as crianças brincarem na varanda de grades,
Entre os vasos de flores que nunca vi quais eram.
Os outros nunca sentem.
[...]

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa)

A varanda nas casas brasileiras está relacionada a um processo sócio-histórico de interferências e apropriações técnicas e culturais. Remetem a uma herança mediterrânea, à influência que a arquitetura moura e asiática exerceu sobre obras portuguesas que, no Brasil, precisaram ser adaptadas ao clima tropical – como uma transição da área de sol para a área de sombra, do espaço aberto da rua ou do quintal para o espaço fechado e protegido da moradia.

Nas fazendas, a varanda cumpria a função de lugar para a vigília e a contemplação, sendo primordial na administração e no controle das tarefas diárias. No contexto urbano, além de outras funções, a varanda veio contribuir para a composição das fachadas, alternando-se entre a frente e as laterais das edificações, de acordo com as condições do terreno. A verticalização das construções manteve a varanda com essa mesma finalidade e também para criar a sensação de integração com o exterior, trazendo luz e ar fresco para o espaço fechado dos apartamentos.



Varanda de uma residência
Autor não identificado
1940
Coleção Romeo De Paoli / Acervo MHAB



Varanda de uma residência
Autor não identificado
1940
Coleção Romeo De Paoli / Acervo MHAB

Em função da crescente concentração de populações em centros urbanos, o saneamento básico tornou-se uma questão de saúde pública. Os reflexos iam do ambiente público ao doméstico. Antes que o banheiro, devidamente assistido por um sistema público de saneamento, passasse a ser usado no interior das residências, recintos reunindo suas funções eram situados externamente.

Nos quartos, as pessoas utilizavam o gomil para a higiene de mãos e rostos e grandes bacias ou tinas para os banhos. Para urinar, havia o penico, esvaziado pela manhã. Para Belo Horizonte, cidade planejada, o engenheiro Saturnino de Brito – integrante da Comissão Construtora da Nova Capital – projetou um sistema de abastecimento de água e de coleta de esgotos, para evitar que a cidade experimentasse alguns dos problemas presentes em importantes metrópoles brasileiras. Isso fez com que grande parte das moradias pudesse incorporar o banheiro ao ambiente interno, equipando-o com banheiras de louça ou de ferro esmaltado. Com o passar do tempo, o desejo por um número maior de banheiros foi aumentando e, na década de 1990, algumas residências passaram a ter três ou mais deles.



Banheiro de uma residência
Autor não identificado
1940 - 1950
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB



Aspectos da canalização do Córrego do Leitão -
Rua São Paulo
Autor não identificado
1922 - 1926
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB



Afiador de navalha
Início do século XX
Madeira / Couro
Coleção Objetos Pessoais / Acervo MHAB



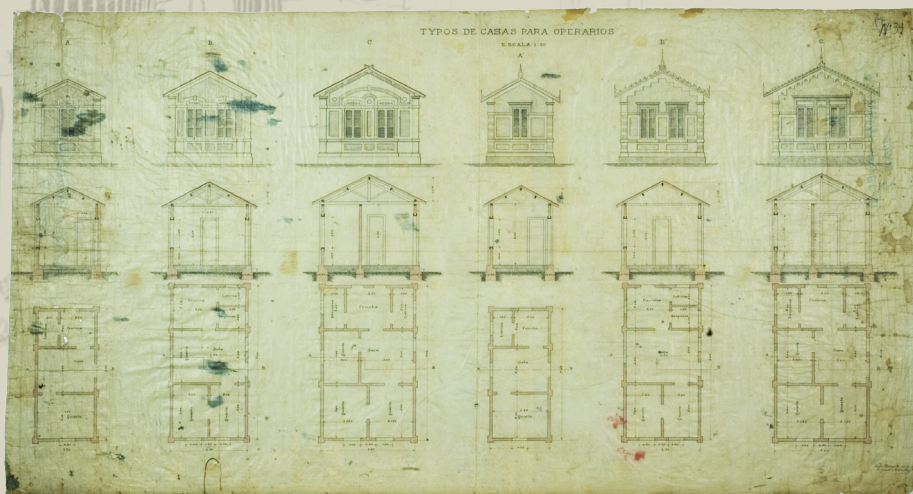
Caixa Sabonete Haya
Primeira metade do século XX
Papel / Impressão
Coleção Objetos Pessoais / Acervo MHAB



Estojo para aparelho de barbear
Segunda metade do século XX
Couro, tecido, madeira / Recorte, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Pia
Século XIX
Louça, tinta, metal/ Moldagem, pintura, fundição
Coleção Equipamentos Hidráulicos /
Acervo MHAB



Projeto arquitetônico
Tipos de casas para operários
Autor Edgar Nascentes Coelho
17/05/1905
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

alcova/quarto

“A nossa casa, Amor, a nossa casa!
Onde está ela, Amor, que não a vejo?
Na minha doida fantasia em brasa
Constrói-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,
Andamos de mãos dadas, nos caminhos
Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi...
E que eu moro - tão bom! - dentro de ti
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...”

Florbela Espanca

Ao contrário do que se constata hoje, no contexto colonial os cômodos de repouso não eram investidos de muita importância – valoração cultural bem recente. Os ambientes de descanso – alcovas e quartos – ficavam, geralmente, longe da luz natural direta, eram pouco ventilados e, algumas vezes, desprovidos de janelas. As casas coloniais resguardavam o sono e a intimidade de seus habitantes.

Nesse espaço recluso, estariam protegidas as donzelas e se conservariam segredos. Aos poucos, esses cômodos, ocupados inicialmente para dormir e se vestir, foram deixando de existir, dando lugar a quartos que incorporaram outros usos, permitindo, através das janelas, a interação com o ambiente externo. Na contemporaneidade, a televisão, o equipamento de som, o computador e outros aparatos tecnológicos e de conforto foram incorporados a esses espaços, ampliando as formas de ocupar e usar os quartos.



Conjunto corte e costura em
caixa de madeira
1948
Madeira / Corte,
torneamento, encaixe
Coleção Trabalho / Acervo MHAB



Máquina de costura
Primeira metade do século XX
Madeira, ferro /
Recorte, fundição
Coleção Mobiliário /
Acervo MHAB



Porta-jóias
Princípio do século XX
Vidro, metal/ Fundição
Coleção Equipamentos Domésticos /
Acervo MHAB



Bacia e Gomil
Fins do século XIX
Louça, tinta / Moldagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Escarradeira
Segunda metade do século XIX
Louça / Moldagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Santo Antônio
Primeira metade do século XIX
Madeira / Entalhe, policromia
Coleção Escultura /
Acervo MHAB



Cabeceira de cama de solteiro
Fins do século XIX
Madeira / Recorte
Coleção Mobiliário / Acervo MHAB



Relógio despertador
Princípio do século XX
Metal, vidro, papel / Montagem
industrial
Coleção Medição e Registro /
Acervo MHAB



Oratório
Transição século XVIII/ XIX
Madeira, pedra, vidro, latão/
Entalhe, recorte, policromia,
martelagem
Coleção Mobiliário/ Acervo MHAB



Bengala
Primeira metade do século XX
Madeira, verniz / Recorte,
torneamento, fundição
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Carteira
Segunda metade do século XX
Couro / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Sapato
1919
Couro, madeira / Recorte, costura,
colagem, encaixe
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Crucifixo
Princípios do século XX
Terracota, gesso, verniz, madeira, metal / Moldura, recorte
Coleção Escultura /
Acervo MHAB



Mala
Primeira metade do século XX
Couro, ferro, madeira / Recorte, encaixe, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Caixa para chapéu
Primeira metade do século XX
Couro, metal / Recorte, colagem, costura
Acervo MHAB



Luva
Segunda metade do século XX
Couro / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



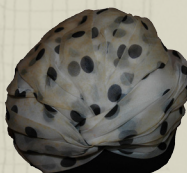
Gravata borboleta
Meados do século XX
Tecido / Costura
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Chapéu
Segunda metade do século XX
Tecido / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Chapéu
Segunda metade do século XX
Tecido / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Chapéu
Segunda metade do século XX
Tecido / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



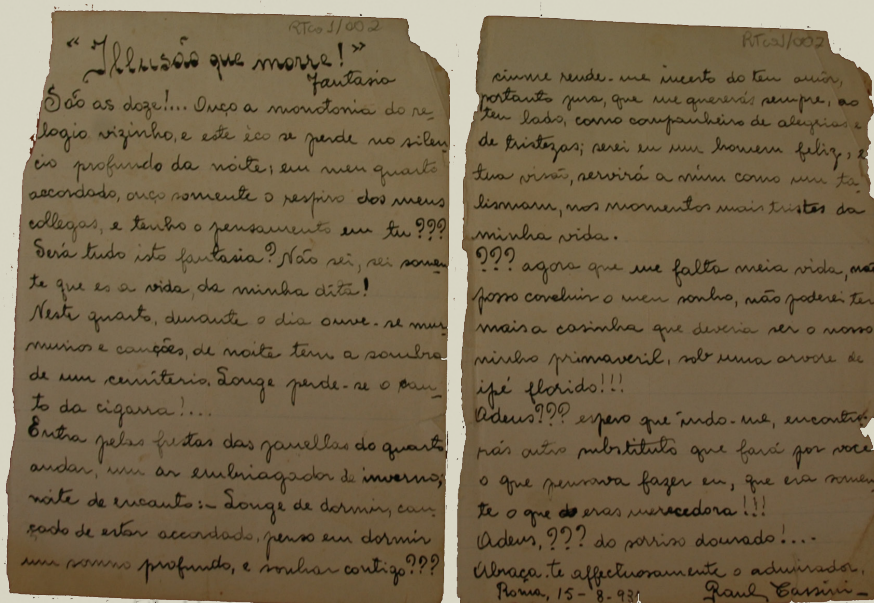
Chapéu
Segunda metade do século XX
Tecido / Costura, colagem
Coleção Objetos Pessoais /
Acervo MHAB



Camisola e liseuse
Segunda metade do século XX
Tecido, renda / Costura, bordado
Acervo Marília Salgado



Corpete
Transição século XIX/XX
Brim, renda, metal, cordão / Costura, recorte, fundição
Coleção Objetos Pessoais / Acervo MHAB



Correspondência

Carta escrita em Roma a uma mulher (Laura) a quem Raul Tassini confessa seus sentimentos

Autor Raul Tassini

15/08/1931

Coleção Raul Tassini / Acervo MHAB



Mobiliário expográfico da exposição "A casa e a cidade: construção do espaço doméstico, social e da lembrança em Belo Horizonte" estampado com imagens de revistas das décadas de 1950 e 1960.



Luminária de pé
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Quarto
Autor não identificado
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB



Penteadeira
Autor não identificado
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB



Quarto
Autor não identificado
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB



Altar
Autor não identificado
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB

cozinha e quintal

“Ó, Deus,
me deixa trabalhar na cozinha,
nem vendedor nem escrivão,
me deixa fazer Teu pão.
Filha, diz-me o Senhor,
eu só como palavras.”

Adélia Prado



Ambiente da exposição “A casa e a cidade: construção do espaço doméstico, social e da lembrança em Belo Horizonte”

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.”

Manuel de Barros

Fatores de ordem histórica e sociológica contribuíram para a definição do papel da cozinha no espaço da moradia, assim como diversos contextos ligados à cultura e aos hábitos de diferentes grupos sociais indicaram o seu modo de integração à arquitetura residencial. Antes afastadas das áreas principais da casa, ligadas diretamente ao exterior, voltadas para os quintais, as cozinhas passaram a integrar o setor de serviços na abordagem de funcionalidade da residência.

Vinculada originalmente a uma das necessidades básicas do ser humano – a alimentação –, a configuração da cozinha foi influenciada pelo aparecimento do ferro fundido, que derivou para os processos de mecanização e industrialização. Na década de 1950, por exemplo, as cozinhas passaram a ocupar espaços menores, sendo equipadas, porém, com uma profusão de novidades em *design* de eletrodomésticos.

Ao longo da história e, particularmente, em Minas Gerais, o caráter multifuncional da cozinha revela-se na alternância entre espaço de encontro, aconchego e centralização do convívio familiar; espaço prático e suficiente para a triangulação fogão, pia e geladeira; e, mais recentemente, espaço que privilegia a convivência, que congrega anfitriões e convidados, integrando-se às salas de jantar e de estar, ou ainda ocupando lugar de destaque, como espaço gourmet, buscando resgatar, de certa forma, sua antiga função.

A porta da cozinha, quase sempre aberta, desnudava o quintal, espaço complementar das atividades domésticas – o lavar de alguns utensílios, a limpeza das roupas e do enxoval – e, também, de pequenas aventuras e brincadeiras das crianças. Um lugar múltiplo, que testemunhou as transformações nos valores, no lazer, nos hábitos, no habitar e no modo de se viver e que foi por eles transformado. Antes era o espaço da terra (que, pouco a pouco, perdeu lugar para o cimento ou outras formas de cobertura), da árvore, dos pequenos animais; hoje, abriga novos lazeres e modos de vida, mediados por saunas, piscinas e outros elementos que compõem os quintais contemporâneos.



Mesa rústica
Fins século XIX
Madeira / Recorte
Coleção Mobiliário /
Acervo MHAB



Cesta para ovos
Transição século XIX / XX
Vime
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Almofariz
Segunda metade do século XX
Metal / Fundição
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Ferro de engomar
Transição século XIX / XX
Metal, madeira / Fundição, recorte,
torneamento
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Panela
Transição século XIX / XX
Ferro
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Tacho
Transição século XIX / XX
Cobre
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Yoghurt de leite pasteurizado
Segunda metade do século XX
Vidro / Torneamento, pintura
Coleção Equipamentos Domésticos /
Acervo MHAB



Farinheira
1922
Madeira, prata / Recorte, martelagem
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Jarra
Primeira metade do século XX
Metal / Fundição, recorte, solda
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Colheres
Primeira metade do século XX
Ferro
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Concha
Primeira metade do século XX
Ferro
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Caixa para doce
Transição século XIX / XX
Madeira
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Caixa para pó de café
Transição século XIX / XX
Madeira
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Pilão
Século XX
Madeira
Coleção José Adelmo de
Miranda / Acervo MHAB



Forma de queijo
Transição século XIX / XX
Madeira / recorte
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Mesa rústica
Fins século XIX
Madeira / Recorte
Coleção Mobiliário /
Acervo MHAB



Vaso
Final do século XIX
Barro / Cozimento, moldagem
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Gamela
Início do século XX
Madeira
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Forno elétrico
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Conjunto de formas de alumínio
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Vasilhas de vidro transparente para geladeira e timer
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Pinguim de geladeira
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Cozinha
Autor não identificado – Casa da Lente
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB

De dentro pra fora: a mulher, criada para casar, conforme os padrões hegemônicos vigentes, desenvolvia suas habilidades domésticas como uma obrigação. Reconhecia na cozinha um espaço sob seu domínio. Com o passar dos anos, esse perfil é transformado.

De fora pra dentro: a mulher, que tanto participou como se alimentou das mudanças sociais, ampliou suas possibilidades: inúmeras passaram a ser as oportunidades de lazer, de estudo e de trabalho.

bules/cafeiteiras

Entre os hábitos que permanecem ao longo do tempo e são compartilhados por grande número de pessoas, há um que é especial no cotidiano do povo brasileiro: tomar café. Seja em torno de um fogão a lenha, seja para dar as boas-vindas às visitas na sala de estar, seja para regar uma boa conversa ou espantar o sono, o café marca presença na maioria dos lares. Bules de ferro, ágata, alumínio ou aço inox e cafeteiras elétricas, pouco ou muito sofisticadas, são objetos indispensáveis que, em nome do café, integraram, ao longo dos tempos, o ambiente doméstico.



Conjunto de chá
Fins do século XIX
Porcelana, tinta / Modelagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Bule
Primeira metade do século XX
Metal / Fundição, soldagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Bule
Segunda metade do século XX
Metal, madeira / Fundição, recorte
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Bule
Primeira metade do século XX
Metal / Fundição, soldagem
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Bule
Segunda metade do século XX
Metal/ Fundição, soldagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos / Acervo MHAB



Bule
Segunda metade do século XX
Louça, tinta / Moldagem, pintura
Coleção Equipamentos
Domésticos/ Acervo MHAB

batedeiras

Modernidades práticas ou praticidades modernas, os eletrodomésticos revolucionaram a vida das famílias do mundo inteiro. A substituição da força física e da habilidade motora por um equipamento movido a eletricidade, que exigia apenas o acionamento de um ou dois botões, foi uma inovação significativa, trazendo uma nova forma de lidar com os cuidados domésticos. Exemplo disso são as batedeiras mecânicas e depois as elétricas, que, respectivamente, economizavam os músculos dos braços e permitiam atividades simultâneas.



Batedeiras manuais
Década de 1950
Acervo Mazzilli



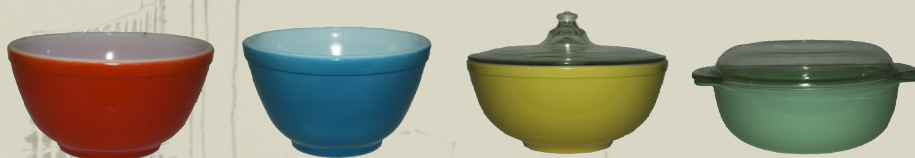
Batedeira
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Batedeira com espremador de laranja
Década de 1950
Acervo Mazzilli

vasilhame colorido

A partir da década de 1940, experimentam-se, em escala nunca vista antes, o desejo de inovações estéticas e a euforia consumista que sucedem os turbilhões econômicos e políticos. De maneira geral, o design desse período é marcado pela busca de um estilo de vida tido como moderno, dinâmico, com apelo futurista, pois o que era considerado “antigo”, vinculado ao cenário anterior à Segunda Grande Guerra, era entendido como ultrapassado. O plástico, em razão de seu caráter maleável, que propicia diversas moldagens, invade de forma definitiva o espaço da cozinha, substituindo outros materiais e conferindo certa praticidade aos trabalhos domésticos. Os objetos eram de cores variadas – vermelho, laranja, amarelo, verde, rosa, azul.



Conjunto vasilhas coloridas redondas
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Conjunto de vasilhas coloridas
para geladeira
Década de 1950
Acervo Mazzilli



Conjunto de taças de sorvete coloridas
Década de 1950
Acervo Mazzilli



“Houve um tempo em que minha janela se abria
sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela, havia um pequeno jardim quase seco.
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada,
e o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água
sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual,
para que o jardim não morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que
caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela,
uns dizem que essas coisas não existem,
outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

Cecília Meireles

De dentro pra fora: a paisagem que se vê quando se olha pela janela de casa muda rápido. De dentro de casarões como este, rastro de um tempo que não se deixa silenciar, foram vistos viajantes a cavalo, uma nova capital surgindo, crianças jogando bola. Tendo testemunhado tantas mudanças, esta casa se abre para contar algumas histórias.

De fora pra dentro: o que acontece lá fora se reflete aqui dentro. A casa onde moramos faz parte de uma estrutura muito maior chamada cidade. E as influências mútuas não podem ser negligenciadas. Mudam juntas e juntas se abrem para seus habitantes: por novidades, por necessidades, por privacidade, por segurança.



Interior de uma residência
Autor não identificado – Casa da Lente
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB

Escada
Autor não identificado – Casa da Lente
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB

Console e espelho de parede
Autor não identificado
1940 e 1950.
Coleção Barão Tiesenhausen / Acervo MHAB

FICHA TÉCNICA

A casa e a cidade: construção do espaço doméstico, social e da lembrança em Belo Horizonte
Museu Histórico Abílio Barreto – Exposição de Longa Duração

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Marcio Araujo de Lacerda

Fundação Municipal de Cultura
Thaís Velloso Cougo Pimentel

Diretoria de Políticas Museológicas
Silvana Maria Leal Cóser

Museu Histórico Abílio Barreto
Leônidas José de Oliveira

Associação dos Amigos do Museu Histórico Abílio Barreto
Ângela de Alvarenga Batista Barros – Presidente
Roger Alves Vieira - Gerente

Concepção e curadoria
Leônidas José de Oliveira

Coordenação geral
Célia Regina Araujo Alves
Luana Maia Ferreira

Pesquisa histórica
Leônidas José de Oliveira (coordenação)
Célia Regina Araujo Alves
Luana Maia Ferreira
Rachel Sant'Anna Murta
Roberto Camargos de Oliveira

Textos
Leônidas José de Oliveira
Luana Maia Ferreira
Rachel Sant'Anna Murta
Roberto Camargos de Oliveira

Projeto museográfico e programação visual
Arquigrafia Projetos e Consultoria Ltda.

Seleção de acervo
Leônidas José de Oliveira (coordenação)
Célia Regina Araujo Alves
Danielle Bacelete de Souza
Ivete Ferreira Dutra
Luana Maia Ferreira
Luciana de Carvalho Teixeira
Luciane Machado Freire Cangussu
Natercia Pons
Rachel Sant'Anna Murta
Victor Louvisi
Átila Siqueira (estagiário)
Débora Cristina Alves da Silva (estagiária)

Conservação preventiva
Ivete Ferreira Dutra
Natercia Pons

Ação educativa
Joanna Guimarães Fernandes
Vanessa Barbosa de Araujo

Coordenação administrativa
Carla Silvana Alves

Coordenação bibliográfica
Maria Célia Pessoa Ayres Dias

Coordenação executiva
Pedro Paulo Pereira Pinto

Produção
Artes Cênica Produções Ltda.

Montagem
Ivete Ferreira Dutra (coordenação)
Luciana de Carvalho Teixeira
Myriam Campas de Faria
Natercia Pons
Victor Louvisi
Átila Siqueira (estagiário)
Débora Cristina Alves da Silva (estagiária)
Talis Tadeu Diogo (estagiário)

Equipe de apoio
Aron Knebel
Glaysen Ribeiro de Matos
José Geraldo Souza da Conceição
José Oldenir Leite
Josué de Souza Lima
Márcio Antônio da Silva Santos
Renata de Castro Martins
Valdecy de Sousa Francelino
Vanderlei André da Silva
Vânia Maria Matias de Melo
Midian Taiza Rocha de Oliveira (estagiária)

Revisão de textos
Marise Muniz

Comunicação e divulgação
Assessoria de Comunicação Social do Município
Assessoria de Comunicação da Fundação Municipal de Cultura
Assessoria de Comunicação do Museu Histórico Abílio Barreto

Agradecimentos
Abigail Pinto de Carvalho
Cecília Pinto Rodrigues Fonseca
Daniel Mansur
Domingos Mazzilli Júnior
Fernando Guimarães Torres
Luis Augusto de Lima
Márcia Nobre de Lima
Marília Salgado
Sérgio Vaz

Catálogo

Coordenador
Leônidas José de Oliveira

Concepção
Luciana Teixeira

Projeto gráfico
Nathalia Larsen

Fotografias
Lilian Leão
Luana Maia Ferreria
Miguel Aun

“Com a altura da idade a casa se acrescenta.
Não é que aumente a quantidade ao espaço.
Mas, sendo mais longínquos, o desapego pensa
maior distância quando se fica a olhá-lo.

Ou, se quiserem, uma realeza
se instala à volta dessa altura de anos,
de forma a que os objectos apareçam
na luz de quase já nem os amarmos.

Então a casa distende-se na intensa
inteligência de estarmos
a ver as coisas amarem-se a si mesmas.
Ou com a forma a difundir seu espaço.”

Fernando Echevarría

Museu Histórico Abílio Barreto

Av. Prudente de Moraes, 202 Cidade Jardim

30380-000 Belo Horizonte MG Brasil

T. +55 (31) 3277-8573 mhab.fmc@pbh.gov.br